

As marcas das identificações: entre legados e escolhas, a constituição do sujeito em Freud

Michele Scheffel Schneider¹

RESUMO

O presente trabalho busca realizar uma análise sobre a temática da identificação a partir da obra freudiana, refletindo sobre o que poderia ser compreendido como identificação primária e secundária. Ele ainda se propõe a tratar das identificações nos funcionamentos psicopatológicos, bem como a apontar breves compreensões que indicam como esse conceito pode ser pensado, atualmente, a partir dos referenciais da intersubjetividade.

Palavras-chave: Psicanálise. Identificação. Intersubjetividade.

1 INTRODUÇÃO

Os inícios carregam em si algo do mistério. O nascimento, a concepção: tudo o que inaugura algo ou alguém está sempre atravessado por uma história. *Totem e tabu* (1913) é um texto que fala da origem e aborda conceitos, costumes e convenções que passam de geração em geração sem nem mesmo serem questionados. O que poderia ser revelado com a quebra de um tabu, com a mudança de um totem?

1 Psicóloga e psicanalista, membro associado do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA), mestre em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e docente do curso de Psicologia da Unisinos.

Apesar da tendência a manter aquilo que já está dado, o texto acima referido também aponta as possibilidades de mudança construídas pelos sujeitos em busca de uma história autoral. Como ilustração, segue um trecho extraído de uma nota de rodapé:

Não se deve esquecer que as raças primitivas não são raças novas, mas, na realidade, tão antigas quanto as civilizadas. Não há razão para supor que, em benefício de nossa informação, tenham mantido suas ideias e instituições originais sem desenvolvimento ou deformação. Ao contrário, é certo ter havido profundas mudanças, em todos os sentidos, entre as raças primitivas, de maneira que nunca é possível decidir sem hesitação até onde suas condições e opiniões atuais conservam o passado primevo numa forma petrificada e até onde são deformações e modificações dele. Daí surgirem as frequentes discussões entre os estudiosos sobre quais as características de uma civilização primitiva que devem ser consideradas como primárias e quais as que constituem desenvolvimentos posteriores e secundários. Assim, a determinação do estado original de coisas permanece sendo invariavelmente uma questão de interpretação (FREUD, 1913 [1912-1913], p. 111).

Essa breve introdução já apresenta a temática desta escrita, que trata sobre os processos identificatórios relacionados à constituição do sujeito. Como se organizam as primeiras marcas que fundam o aparelho psíquico? Quais são os mecanismos envolvidos na construção do psiquismo? O que herdamos e como nos diferenciamos daqueles que nos precederam?

A teoria psicanalítica oferece um vasto campo e corpo teórico que nos auxilia a compreender e refletir sobre essas questões. As respostas, portanto, não estão dadas de maneira simples: é necessário re-

fletir sobre o encadeamento dos conceitos e conhecer as mudanças e ampliações que cada termo foi sofrendo a partir das explorações e observações minuciosas de Freud, articuladas às mudanças históricas, sociais e culturais que aconteceram ao longo dos 48 anos de escrita da obra freudiana.

Diante disso, estudar Freud é como montar um quebra-cabeça de muitas e pequenas peças, que ora se encaixam, ora se perdem, para logo mais se encontrarem com novas composições e perspectivas. É uma arte trabalhosa, mas o seu resultado é encantador. Muitas vezes queremos, precisamos desmontar o quebra-cabeça já montado para montá-lo novamente, num outro tempo, sob novas visões; mas eventualmente também queremos emoldurá-lo, pois marca uma conquista e nos dá uma imagem integrada daquilo que parecia tão caótico. Assim é estudar Freud, e essa também pode ser a metáfora do dinamismo do aparelho psíquico. Montamos e desmontamos a nós mesmos muitas vezes ao longo da vida e, a cada tempo, algo novo é inaugurado, ainda que muitas formas de montar se repitam, seguindo um padrão. Freud postula que, no princípio, precisamos de um outro que nos acompanhe nesse caminho para que efetivamente possamos inaugurar o nosso psiquismo.

O estudo sobre a temática da identificação, “conhecida na psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1921, p. 115), nos permite compreender o caminho e as marcas que ficam nessa trajetória de tornar-se sujeito, desde a condição inicial, na qual o bebê se encontra totalmente dependente e indiferenciado do outro que lhe cuida, até o momento em que ele reconhece o objeto (cuidador) e passa a se relacionar com ele. O que permanece dessas identificações iniciais que constituem um sujeito? Sob quais circunstâncias buscamos novas identificações e nos diferenciamos? A quais legados estamos sujeitos? Na tentativa de produzir algumas reflexões, o presente estudo percorre os textos da obra freudiana relacionados à temática das identificações. Vale considerar que o próprio Freud nunca utilizou as expressões “identificação

primária” e “identificação secundária” nos seus escritos. Ele utiliza simplesmente a palavra “identificação”, ou ainda “identificações regressivas”, “identificação narcisista” e “identificação histérica”, em especial a partir da segunda tópica.

Para viabilizar esse entendimento, será necessária uma visita aos textos metapsicológicos, uma revisão dos aspectos psicopatológicos, bem como um esclarecimento sobre as principais diferenças entre a primeira e a segunda tópica, na medida em que Freud vai reconhecendo que sua melhor compreensão sobre os processos identificatórios cria a necessidade de revisar o primeiro modelo topográfico, inicialmente construído por ele. Laplanche e Pontalis (1998, p. 508), ao se referirem à segunda tópica, destacam que “uma das principais descobertas que a tornou necessária foi a do papel desempenhado pelas diversas identificações na constituição da pessoa e das formações permanentes que depositam no seio dela (ideias, instâncias críticas, imagens de si mesmo)”.

Nesse sentido, considera-se que as identificações seriam para Freud constitutivas, dinâmicas e psicopatológicas, e o texto a seguir busca explorar essas diferenças, assinalando que esse é um conceito fundamental para a psicanálise. Ainda vale considerar que o presente trabalho busca realizar uma análise sobre a temática da identificação — predominantemente a partir dos escritos freudianos —, mas também trazer, num caráter autoral e, considerando uma abertura para a intersubjetividade, as reflexões, questionamentos e problematizações que a leitura dos conceitos postulados por Freud produziu na autora.

2 ENTRE NARCISO E ÉDIPO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O CAMINHO DAS IDENTIFICAÇÕES

Em 1900, Freud apresentou a primeira concepção tópica do aparelho psíquico — no texto *A interpretação dos sonhos*, mais especificamente no capítulo VII. Nesse momento, ele falava do aparelho psí-

quico como um instrumento composto por instâncias ou sistemas. Entendia que esses sistemas talvez pudessem manter uma relação espacial constante, dependendo da quantidade de excitação mobilizada para atravessar de um sistema a outro. Os sistemas descritos por ele nessa época foram: sistema inconsciente (*Ics*), pré-consciente (*Pcpt*) e consciente (*Cs*), que se constituíam como um aparelho reflexo, com sentido e direção:

Toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Por conseguinte, atribuiremos ao aparelho uma extremidade sensorial e uma extremidade motora. Na extremidade sensorial, encontra-se um sistema que recebe as percepções; na extremidade motora, outro, que abre as comportas da atividade motora. Os processos psíquicos, em geral, transcorrem da extremidade perceptual para a extremidade motora (FREUD, 1900, p. 568).

Já nesse texto Freud (1900, p. 594) afirmou que “as exigências da vida interferem nessa função simples e é também a elas que o aparelho deve o ímpeto para seu desenvolvimento posterior”. Entende-se que, quando ele escreve sobre o desenvolvimento posterior, está se referindo ao desenvolvimento psíquico como um todo, e Freud vai anunciando, ao longo de sua obra, que uma das evoluções importantes é o desenvolvimento do Eu,² o que fica explícito no texto “O ego e o id”, de 1923, quando é apresentada a segunda tópica. Mas que exigências da vida contribuiriam para esse desenvolvimento? Freud aponta para as necessidades somáticas, ou seja, diante das excitações produzidas

2 Nesta escrita, optou-se pela terminologia “Eu”. Quando utilizadas citações, a autora utilizará a terminologia empregada na respectiva tradução. Reconhece-se a diferença entre o uso dos termos “Eu” e “Ego”, sendo essa uma questão de grande relevância na obra freudiana, que exige um vasto estudo e pormenores que aprofundem a análise, não sendo esse o foco do presente trabalho.

por uma necessidade interna (por exemplo, a fome do bebê), haveria uma busca por uma descarga no movimento, e isso provocaria uma “modificação interna” ou “expressão emocional” (FREUD, 1900). Além disso, ele postula:

Só pode haver mudança quando, de uma maneira ou de outra (no caso do bebê, através do **auxílio externo**), chega-se a uma “vivência de satisfação” que põe fim ao estímulo interno. [...] Em decorrência do **vínculo** assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada, surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará reatualizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo (FREUD, 1900, p. 594-595, grifo nosso).

Por meio dessa citação, é possível identificar a importância atribuída por Freud à ação específica,³ pois é dela que decorrem as vivências de dor e satisfação e a construção dos atributos, ou seja, aquilo que vai sendo possível representar e incorporar da relação inicial mãe-bebê. Apesar de Freud não dar ênfase à relação do sujeito (bebê) com o objeto (auxílio externo), e sim aprofundar a teorização sobre o mundo interno e a forma como esse bebê representa (marca mnêmica) o objeto, compreende-se que ele nos dá notícias sobre a importância desse interlocutor para a construção de um ser desejante.⁴ Essa interação inicial entre a mãe⁵ e o bebê é a que promove os primeiros laços afeti-

3 Toda essa dinâmica é desenvolvida no texto “Projeto para uma psicologia científica” (1950 [1895]).

4 Entende-se que esse olhar para a interação foi desenvolvido por autores pós-freudianos, dando origem aos estudos da intersubjetividade, sendo sua precursora Piera Aulagnier.

5 Ao escrever “mãe”, nos referimos a quem irá exercer a função de cuidador principal, em geral a mãe, podendo ser também outras pessoas adultas envolvidas no cuidado.

vos e, com base em Valls (1995), é possível dizer que estamos falando da identificação primária:

Este tipo de identificação entre o bebê e sua mãe se pode considerar primário, pois é prévio ao reconhecimento do objeto como fonte de prazer. Predomina, então, a zona erógena oral e o vínculo que prevalece se estabelecerá apoiado na incorporação do alimento e no prazer de chupar. Esse modelo incorporativo marca o rumo da identificação. A preponderância da zona erógena oral empresta seu modelo para que isso aconteça/se suceda. Os atributos do objeto se fazem próprios do Eu e, assim, o Eu começará a se movimentar, a fazer as coisas, como antes o objeto fez consigo (VALLS, 1995, p. 294, tradução nossa).

Valls ainda descreve a identificação como uma forma primitiva de funcionamento mental e de vínculo objetal, sendo que nesse momento inicial o bebê não reconhece ainda o objeto como outro, mas como idêntico a si. O bebê vai incorporando os atributos desse objeto como se fossem seus e, assim, inicia o seu desenvolvimento emocional. Freud (1950 [1895], p. 384) escreve sobre o idêntico ao tratar do “complexo do ser humano semelhante” no texto “Projeto para uma psicologia científica”. Nesse texto, Freud aponta para alguns desenvolvimentos que partem da ideia da identidade. Poderíamos considerar que desse princípio da identidade (de percepção e de pensamento) surgem as construções posteriores relacionadas à identificação?

A própria palavra “identidade” faz alusão a algo idêntico, ou seja, um outro ser humano, percebido como semelhante, uma vez que apresenta traços que um indivíduo pode reconhecer em si. O complexo de semelhante passou a ser considerado a base para o processo identificatório, uma vez que ele indica como vamos nos constituindo no encontro com o objeto, na medida em que este deixa rastros de memória no

corpo e na psique. Temos a tendência a buscar o idêntico, no entanto, como voltar ao idêntico é impossível, buscamos algo o mais próximo possível dele, ou seja, algo semelhante. Consideremos, por exemplo, a primeira mamada. O que se deu nesse encontro? Quais foram as sensações despertadas? Em que contexto ela ocorreu? Como foi essa vivência? Independentemente de como ela foi representada pelo sujeito (como dor ou satisfação), essa primeira experiência serviu de modelo, de referência; é uma marca, um registro que serve como ponto de ancoragem para esse ser que está em pleno desenvolvimento. A partir da necessidade biológica do bebê, é necessária uma ação específica que vem de fora (em geral, da mãe) para suprir essa necessidade, e então inaugura-se a vivência de satisfação *versus* insatisfação, princípio do prazer.

No texto “Projeto para uma psicologia científica”, Freud (1950 [1895]) descreve dois conceitos fundamentais para a compreensão do constructo identificação, a saber: identidade de percepção e identidade de pensamento, conceitos esses que serão retomados no texto “O ego e o id” (1923), em que Freud irá apresentar a segunda tópica. Entende-se que a experiência perceptiva está relacionada à identificação primária, considerando que nesse momento a mãe é percebida como idêntica ao bebê; logo, “se pode falar em percepções que têm valor imitativo” (FREUD, 1900, p. 386). Valls (1995) indica que podemos observar a identidade de percepção no conteúdo dos sonhos, nos sintomas, nos atos falhos, ou seja, quando falha a instauração do processo secundário. Laplanche e Pontalis (1998, p. 225) assinalam que “a vivência de satisfação constitui a origem da procura da identidade de percepção”. Já a identidade de pensamento implica uma representação interna da mãe e a possibilidade de adiamento da satisfação. Por meio de um teste de realidade, já instaurado, é possível diferenciar o percebido do desejado, buscando semelhanças e diferenças em relação ao objeto inicial (VALLS, 1995).

Ainda considerando a primeira tópica, no texto *Totem e tabu*, Freud (1913 [1912-1913], p. 136) desenvolve suas ideias sobre “a

identificação do menino com seu animal totêmico e sua atitude emocional ambivalente para com este”. Essa dinâmica indica a existência simultânea de amor e ódio dirigidos aos mesmos objetos e mostra como essa ambivalência emocional está relacionada com os processos identificatórios, na medida em que a identificação com o pai está no ato de devorá-lo (incorporação). Ser como o pai ou ocupar o lugar do pai eram concepções já constatadas por Freud. Nesse texto, ele teorizou sobre a universalidade do complexo de Édipo como constitutivo do sujeito e da cultura (PAIM FILHO; LEITE, 2012).

Aqui Freud ainda não tinha desenvolvido o conceito de “superego” (como herdeiro do complexo de Édipo), mas já indicava que existia uma “reação moral que criou o totemismo e o tabu” (FREUD, 1913 [1912-1913], p. 161), reação que impedia impulsos e emoções com fins malignos/criminosos de se realizar. Apesar de o termo “superego” ter sido introduzido e descrito no texto “O ego e o id” (1923), sua raiz pode ser localizada ao longo dos textos metapsicológicos, já na primeira tópica, quando Freud se refere ao ideal de Eu, como veremos na sequência.

O texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), é considerado de grande importância, pois nele Freud não só sustenta teoricamente o lugar ocupado pelo narcisismo no desenvolvimento sexual, mas também “penetra nos problemas mais profundos das relações entre o ego e os objetos externos, traçando a nova distinção entre ‘libido do ego’ e ‘libido objetal’” (FREUD, 1914, p. 78). Esse é um texto que marca o lugar do Eu como uma parte específica da mente, com atributos e funções especiais. Até então, o termo era utilizado na obra freudiana para designar o “eu” (*self*) de uma pessoa, e não como objeto de amor. Antes disso, o único lugar que Freud ensaiou analisar a estrutura e o funcionamento do Eu foi no texto “Projeto para uma psicologia científica”,⁶ no entanto, depois disso, o termo ficou por quase 15 anos

⁶ Nesse texto, existe um item específico para falar do Eu, que indica o próprio esquema representacional se armando: “[14] Introdução ao ‘Ego’ — O ego deve, portanto, ser definido como a totalidade das catexias Ψ existentes em determinado momento, nas quais cumpre diferenciar um componente permanente e outro mutável” (FREUD, 1950 [1895], p. 375).

sem investimento.⁷ O próprio texto do projeto foi um material que Freud não quis publicar, sendo revelado apenas após a sua morte.

Para Freud (1914, p. 84), “não nascemos com o ego, ele precisa ser desenvolvido”, e essa constituição se dá a partir do encontro com o outro; nesse sentido, é importante destacar o conceito de “nova ação psíquica”, pois é dela que o Eu emana como uma unidade integrada. Como aponta Freud (1914, p. 84): “Os instintos autoeróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo”. Considerando que o início do desenvolvimento é marcado pelo autoerotismo, poderíamos pensar que os instintos⁸ autoeróticos são inatos? Laplanche e Pontalis (1998, p. 48) acreditam que, nesse início, “as pulsões se satisfazem cada uma por sua conta própria, sem que exista qualquer organização de conjunto”. É um momento de pura intensidade, em que prevalecem as necessidades básicas, de maneira anárquica, sem uma organização, sendo necessária uma nova ação psíquica para a constituição de uma unidade do Eu. Freud (1914) pontua que algo deve ser acrescentado ao autoerotismo para que se constitua o narcisismo primário. Esse “algo” é denominado “nova ação psíquica”.

Trata-se de um movimento e um trabalho do Eu em que o bebê reúne suas partes dispersas. No entanto, como ele faria isso senão apoiado por um outro? Dessas reflexões, deriva a seguinte questão: é possível compreender que essa nova ação psíquica poderia ser comparada ao conceito de identificação primária? Entende-se que a capacidade de investir em si ocorre pois existiu alguém que fez tal investimento primeiro, que amou primeiro, que cuidou primeiro, e esse alguém é representado (ou deveria ser) pelos pais. No texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud (1914, p. 104) afirma que “o fato de não ser

7 Informação retirada da introdução do editor inglês James Strachey ao texto “O ego e o id”, de 1923.

8 Neste trabalho, o foco não é pensar sobre as diferenças entre instinto e pulsão, sendo utilizada a terminologia referida na tradução.

amado reduz os sentimentos de autoestima, enquanto o de ser amado aumenta. Como já tivemos ocasião de assinalar, a finalidade e satisfação em uma escolha objetual narcisista consiste em ser amado”. Ainda no mesmo texto, ele aponta: “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetual, inequivocadamente revela sua natureza anterior” (FREUD, 1914, p. 98).

Compreende-se que essa nova ação psíquica é um movimento de que o bebê vai se ocupar e realizar, mas isso só se dá pois existe um outro afetivamente disponível que serve de apoio e sustentação para essa integração do Eu; portanto, ela está relacionada com o olhar e as atitudes dos cuidadores. Na medida em que os cuidadores oferecem conforto (provisão, cuidado) e nomeiam os sentimentos envolvidos naquele determinado contexto (“Você está com raiva pois está com frio”, por exemplo), promovendo uma interação, estabelecendo os primórdios de uma relação objetual (que nesse início é considerada narcísica), eles criam condições para o bebê reunir suas partes, até então dispersas. Esse fenômeno é conhecido em psicanálise como “narcisismo primário” e foi descrito por Freud (1914, p. 98) no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”: “A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. [...] ela será mais uma vez realmente o centro e o âmagô da criação — ‘Sua Majestade o Bebê’, como outrora nós mesmos nos imaginávamos”. A capacidade de investir no filho e, nesse início, estabelecer com ele uma relação narcísica ou fusional — na qual sujeito e objeto são idênticos e vivem a partir de uma imagem e semelhança — é fundante do aparelho psíquico e também pode ser compreendida como sustentada nos processos primários de identificação.

Numa primeira etapa, é quando predomina a lógica do “Eu prazer purificado”, quando não há uma distinção entre o Eu e o objeto (ou, melhor dizen-

do, é reconhecido como Eu o que num futuro será aceito como objeto, especialmente se o vínculo com este lhe produzir prazer), podemos dizer que Eu e objeto são idênticos: o Eu está identificado com o objeto. Não o considera algo estrangeiro a si, mas é o próprio. Não existe a categoria de ter, mas tudo é ser (VALLS, 1995, p. 294, tradução nossa).

Portanto, a identificação primária é narcísica (VALLS, 1995) e está intimamente relacionada aos cuidadores, ou seja, ao desejo desses, ao modo como eles percebem, compreendem e mantêm vínculos com o mundo externo. Para a constituição psíquica saudável, é necessária essa incorporação total dos objetos (pais); esse é um momento inaugural, de completa indiferenciação. As marcas estabelecidas a partir dessa relação só poderão ser acessadas por meio de representantes psíquicos, e nunca do registro original. E, por meio dessa interação, características vão sendo passadas de pai para filho, deixando um legado, uma herança impressa no psiquismo.

Ainda é fundamental compreender os diferentes momentos da constituição do Eu na obra freudiana, para articulá-los ao entendimento do conceito de identificação. No texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud (1914) atribui um significado mais definitivo e restrito ao termo “Eu”, que ganha ainda mais amplitude no texto “Os instintos e suas vicissitudes” (1915). Neste, Freud descreve o Eu a partir de três lugares: Eu realidade, como aquele que reconhece a diferença entre o que é interno e o que é externo; Eu prazer purificado, que coloca todo o desprazer no outro, no mundo externo; e Eu total, que associa o amor e o ódio a um mesmo objeto, numa infinita relação ambivalente. Mas é no texto “O ego e o id” (1923) que as características do Eu passam a ser descritas com mais detalhes.

Esse período inicial do desenvolvimento emocional, indiferenciado, vai se modificando à medida que o bebê cresce e reconhece o mundo e a si de outras maneiras:

A identificação primária é um conceito complexo e dinâmico, próprio de determinado momento evolutivo, que vai sendo transformado a partir do amadurecimento dos vínculos, na medida de um paulatino reconhecimento da realidade — do próprio corpo, da percepção do objeto de desejo e da introdução do rival. Tudo isso faz com que se produza outro tipo de identificação, agora secundária, pelo reconhecimento do objeto, que reforçará a identificação primária e constituirá o superego (VALLS, 1995, p. 300, tradução nossa).

No início, o Eu e o objeto estão totalmente identificados, e a libido está investida no objeto, como se ele fosse o próprio Eu. Aqui, o bebê vai introjetando, pela via identitária, as características e atributos dos pais/cuidadores (ele quer ser o objeto). Na medida em que o bebê começa a ter um Eu mais integrado e a reconhecer o objeto como estranho a ele, vai se deparando com as ambivalências afetivas, pois se dá conta de que o objeto de amor (que cuida, alimenta) é também o objeto que frustra, castra e provoca ódio. Pela entrada do rival, a relação dual mãe-bebê passa por um abalo na sua perfeição e completude, sendo necessário um reinvestimento libidinal.

A libido que investia o Eu (narcisismo primário) passa a investir objetos externos (categoria do “ter o objeto”) e, posteriormente, volta a tomar o Eu como objeto de amor. Não há um abandono completo do Eu em benefício do investimento objetal, nem após um abandono completo do investimento objetal em favor do Eu: o que existe é uma concomitância das formas de investimento com a predominância de uma delas (GARCIA-ROZA, 2004). Compreende-se que, nesse momento, já existe um Eu total, portanto mais robusto e com capacidade de transitar entre um investimento em si e um investimento no objeto, podendo, a cada nova interação, trazer características desse objeto que podem ser integradas ao Eu sem, portanto, perder as característi-

cas do próprio Eu, já incorporadas em épocas anteriores (ou seja, no momento da identificação primária).

No entanto, Freud (1914, p. 100) afirma que o sujeito

[...] não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ideal de Eu.

Destaca-se aqui a importância de os pais exercerem a função crítica (castração) sobre os filhos, auxiliando-os renunciar à onipotência inicial em que estavam imersos. Essa atitude permite a interiorização de uma instância psíquica especial denominada “superego”, o que se dá pela convergência do narcisismo e das identificações com os pais e seus substitutos, constituindo um modo de o sujeito conformar-se e buscar um ideal (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998). É possível pensar que o ideal de Eu é uma transformação que ocorre num funcionamento saudável, incorporando o Eu ideal e inaugurando o desejo, por conta das representações do objeto ou do desejo de ter o objeto investido pela libido.

É importante destacar que “ideal de Eu” e “superego” são compreendidos como sinônimos a partir do texto “O ego e o id” (1923), no entanto o constructo “ideal de Eu” já estava sendo descrito no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914. Quinodoz (2007, p. 228) reforça que “o ideal de ego ou superego da criança não é formado apenas de identificações com os pais, mas é também o resultado de identificações com as proibições parentais que impediram a realização de desejos incestuosos”. Também é relevante notar que o superego “foi determinado pelas imagos parentais mais primitivas” (FREUD, 1933 [1932], p. 70). Nesse mesmo texto, Freud

destaca como é essencial que o superego se instaure no aparelho psíquico, o que pode ser pensado como um indicador de saúde mental: “a instalação do superego pode ser classificada como exemplo bem-sucedido de identificação com a instância parental” (FREUD, 1933 [1932], p. 69).

Vale considerar que foi em 1923, por meio do texto “O ego e o id”, que Freud apresentou a segunda tópica ou modelo estrutural da mente. Nesse momento, ele descreve “três entidades: id, ego e superego”, sendo que o id “cabe ao instinto [...], às paixões” (FREUD, 1923, p. 39). Por sua vez, o ego é “aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do Pcs-Cs” (FREUD, 1923, p. 38). Já o superego tem um papel duplo, ou seja, “não é só um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas: você deveria ser como o pai/você não pode ser como o pai” (FREUD, 1923, p. 47). Conforme Tonnesmann (2012, p. 168), “A criança se identifica com os pais e os instala em seu superego, que por sua vez se torna uma parte separada do ego”.

Voltemos à citação de Valls (1995) acima. Para o autor, é o reconhecimento do objeto que permite a identificação secundária, sendo que esse processo auxiliará na instauração do superego. Para Freud (1923, p. 48), “o ideal do ego, portanto, é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id”. Ainda, Strachey (1996)⁹ indica que as identificações regressivas são a base do caráter e que as mais antigas das identificações regressivas – no caso, as derivadas da dissolução do complexo de Édipo – formam o núcleo do superego.

É possível pensar que Strachey, ao falar em identificações regressivas, estaria se referindo às identificações narcísicas? Com base no estudo realizado até aqui, muitas questões sobre essa temática ficam

⁹ Nota do editor inglês do texto “Luto e melancolia” (1917 [1915]).

em aberto. No entanto, na medida em que o superego é uma instância que vai se instaurando a partir de um terceiro (desde o início existente no inconsciente materno), e dado que a identificação secundária está intimamente relacionada ao reconhecimento do outro (do objeto), às vivências edípicas e à constituição do superego (ideal de Eu) — diferente da identificação primária, relacionada ao narcisismo infantil (Eu ideal) —, acredita-se que é possível pensar no superego como o produto das identificações, dialogando tanto com as identificações primárias quanto com as secundárias.

Valls (1995) compreende que a identificação secundária apresenta uma nuance hostil que nasce do complexo paterno, e a partir daí os processos identificatórios são secundários e dos mais diversos tipos. Para o autor, podemos visualizar as identificações secundárias nos sintomas, na melancolia, nos movimentos de grupo, naquilo que se produz com o artista e sua obra de arte, o que será explorado na próxima seção. Com base nesse entendimento, seria possível considerar que, a partir do desfecho edípico (com suas diferenças no menino e na menina), todas as demais identificações que seguem ocorrendo ao longo da vida do sujeito são secundárias? Essa é mais uma questão, entre tantas outras, que o mergulho nos textos freudianos e a abertura para se pensar a intersubjetividade têm fomentado. Os objetos não dão apenas continência e sustentação aos impulsos: eles têm a função de despertar ou revelar a pulsão. É da dialética entre pulsão e objeto que nasce o psiquismo.

3 OS POSSÍVEIS ASPECTOS PSICOPATOLÓGICOS DAS IDENTIFICAÇÕES

Até aqui, a descrição sobre o funcionamento dos processos identificatórios versou sobre a constituição psíquica esperada para um sujeito neurótico, conforme Freud desenvolveu. Apesar de termos escrito na seção anterior que o ser humano segue se identificando ao

longo de toda a vida e que a ampliação dos vínculos intersubjetivos viabiliza novas identificações e possibilidades de um vir a ser diferente, também podemos questionar como seguem essas identificações num sujeito com funcionamento psicopatológico. É possível, por meio de novas identificações — possibilitadas por novos encontros, entre eles a escuta analítica —, modificar um funcionamento concebido como doente?

A parte VII do texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* é bastante sucinta, no entanto é extremamente densa no que se refere aos conteúdos psicopatológicos das identificações. Nesse texto, escrito por Freud em 1921, são apontados três caminhos:

O que aprendemos dessas três fontes pode ser assim resumido: primeiro, a identificação constitui uma forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço (FREUD, 1921, p. 117).

Dois desses caminhos definem a identificação como constitutiva e fruto da resolução edípica (já que não posso ter o objeto, busco apreender e ser o objeto assumindo características dele). Ao discorrer sobre casos em que a escolha objetual regride à identificação primária (formas de buscar o prazer e evitar a insatisfação), ou seja, em que a identificação advém dos primórdios do complexo de Édipo, Freud (1921, p. 116) traz como exemplo os sintomas neuróticos histéricos,

quando a identificação (sintoma) pode ser tanto da pessoa odiada (“menininha que desenvolve o mesmo penoso sintoma que sua mãe, a mesma tosse atormentadora”) como da pessoa amada (“Dora que imitava a tosse do pai”).

Outro caminho indicado por Freud (1921) diz respeito à construção dos sintomas, quando o sujeito copia (por infecção, por uma situação patogênica) um traço específico de alguém. Nesse caso, ainda não existe um relacionamento prévio com a pessoa, e a identificação, que ocorre de maneira parcial, está baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação dela (TONNESMANN, 2012). O exemplo trazido por Freud para indicar esse caminho se refere a uma moça de um internato que está secretamente enamorada por alguém e recebe desse alguém uma carta, lhe provocando ciúmes e, conseqüentemente, uma crise histérica. Diante disso, por infecção mental, suas conhecidas (porém não íntimas) que sabem da história sofrerão a mesma crise. “A identificação por meio do sintoma tornou-se assim o sinal de um ponto de coincidência entre os dois egos, sinal que tem de ser mantido reprimido” (FREUD, 1921, p. 117).

Freud associa esse tipo de identificação aos fenômenos de massa, mais especificamente à relação com o líder em termos de submissão. Considera-se que esse é um exemplo do uso do esquema identificatório de maneira dinâmica e transitória. Freud (1921, p. 118) diz: “Aqui, porém, teremos de nos limitar aos efeitos emocionais imediatos da identificação, e deixaremos de lado sua significação em nossa vida intelectual”. Para Valls (1995), nesse tipo de identificação, os limites do Eu se perdem em função dos objetivos comuns, e os membros da massa passam a ser parte de um todo e são dirigidos por um líder que fica no lugar de ideal. Para o autor, essa identificação, embora secundária, é adesiva, pois se produz uma progressiva despersonalização, nem sempre passageira. Ela pode se tornar uma característica duradoura do Eu ou pode deixar algum traço mnêmico, dependendo da intensidade da relação com a massa.

Tonnesmann (2012, p. 166), quando faz referência à dinâmica dos grupos, nota que ocorre uma dupla identificação: “Essa dinâmica leva a um forte vínculo com o objeto, em contraposição à identificação do ego com o objeto. No primeiro caso, o ego é empobrecido e se submeteu ao objeto. No segundo caso, o ego é enriquecido pelas propriedades do objeto que foram introjetadas”. Considerando tais afirmativas, compreende-se o funcionamento das massas como uma forma especial de identificação e, dependendo da vulnerabilidade ou espacialidade do Eu, tal identificação pode ser transitória e saudável, enriquecendo o sujeito, ou pode confundir e trazer inseguranças, empobrecendo o sujeito e tornando-o passivo em relação ao desejo do grupo.

Além disso, Freud anuncia dois outros caminhos das identificações na parte VII do texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921), os quais se referem à introjeção do objeto. Um deles diz respeito à gênese do homossexualismo masculino, quando, conforme seu exemplo, após terminar a puberdade, um jovem deveria trocar a mãe por outro objeto sexual, mas, em vez disso, não abandona a mãe e identifica-se com ela. Freud afirma que um funcionamento semelhante pode ser encontrado em crianças pequenas: “uma criança que se achava pesarosa pela perda de um gatinho declarou francamente que ela agora era o gatinho e, por conseguinte, andava de quatro, não comia à mesa etc.” (FREUD, 1921, p. 118).

O outro funcionamento se refere à melancolia, cujas características principais são a autopunição, a culpa e a autodepreciação do Eu (FREUD, 1921). Essa forma de identificação foi inicialmente descrita no texto “Luto e melancolia” (1917 [1915]), em que a natureza da identificação havia sido retomada e ampliada por Freud, incluindo um olhar para os aspectos psicopatológicos. Nesse texto, o funcionamento melancólico é claramente descrito:

Existem, num dado momento, uma escolha objetal, uma ligação da libido a uma pessoa particular;

então, devido a uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetual foi destroçada. O resultado não foi o normal – uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento da mesma para um novo –, mas algo diferente, para cuja ocorrência várias condições parecem ser necessárias. A catexia objetual provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetual se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação (FREUD, 1917 [1915]), p. 254-255).

Esse é um quadro bastante grave, na medida em que perder o objeto, ou o amor do objeto, significa perder o próprio Eu, e o sujeito tem dificuldade em seguir investindo na vida. A ambivalência, própria dos fenômenos identificatórios, nesse caso é exacerbada, pois o amor pelo objeto não pôde ser renunciado e, então, se refugiou na identificação narcísica; no entanto, o ódio entra em cena no objeto substitutivo, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica do seu sofrimento (FREUD, 1917 [1915]).

A Conferência XXXI pode ser considerada o último texto em que Freud escreveu sobre a temática das identificações (LIMA, 2018), o que fez ao discorrer sobre a natureza dos sintomas. Nesse texto, ele afirma: “eu próprio não estou, de modo algum, satisfeito com esses comentários sobre identificação” (FREUD, 1933 [1932], p. 69). Com

isso, nos dá a possibilidade de pensar o quanto esse tema ainda precisa de investimento teórico e clínico, dada sua complexidade. Nesse texto, Freud também descreve o sentimento de inferioridade, indicando que “uma criança se sente inferior quando verifica que não é amada, e o mesmo se passa com o adulto. [...] A parte principal do sentimento de inferioridade, porém, deriva-se da relação do ego com o superego” (FREUD, 1933 [1932], p. 71). É possível pensar que Freud deixou subentendido o quanto a temática das identificações pode ser aprofundada, no entanto se acredita que ele também deixou marcada a importância dos laços iniciais, nos alertando sobre o quanto esse início está intimamente relacionado com a qualidade dos processos de introjeção e projeção na constituição do Eu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: CAMINHOS QUE SE ABREM

Aprofundar o estudo sobre a temática das identificações se mostra um grande desafio. Freud, ao longo de sua obra, demonstra como os processos identificatórios primários e secundários ocorrem, como eles se constituem e qual é a sua importância, mas sem nomeá-los como tal — ou melhor, sem utilizar as nomenclaturas preferidas por autores pós-freudianos, especialmente aqueles que se dedicaram a criar os dicionários que tanto nos auxiliam na compreensão da obra de Freud, tais como Laplanche e Pontalis (1998) e Valls (1995). Durante todo o percurso de estudo, encontrei apenas uma citação que utilizou o termo “primária” para se referir à identificação, no texto “O ego e o id”: “Mas as escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas ao pai e à mãe parecem normalmente encontrar seu desfecho numa identificação desse tipo, que assim reforçaria a primária” (FREUD, 1923, p. 44).

Apesar disso, Freud deixa muito claro que existe um momento inicial na constituição psíquica, entendido como primário; nele, sujeito e objeto encontram-se indiferenciados e a identificação ocorre por

semelhança, sendo os atributos do objeto incorporados ao Eu que está se instaurando. Num segundo momento, Freud indica a importância de um terceiro para inaugurar a diferença na relação dual mãe-bebê — e, com ela, as proibições que impedem a realização de desejos incestuosos. Esse é um momento em que ocorre um desdobramento do Eu, incluindo uma instância censora, portanto relacionada ao momento edípico, e não mais ao narcísico. Toda relação com o outro põe em jogo o outro do outro, o terceiro. Compreende-se que esse segundo momento (identificação secundária) amplia o primeiro (identificação primária), na medida em que não exclui as identificações já existentes, mas se sobrepõe a elas, incorporando-as e reforçando-as, o que dá um contorno e uma consistência ainda maiores ao Eu.

Ainda que o termo “identificação” tenha sido trabalhado pela última vez por Freud na Conferência XXXI (1933 [1932]), considera-se que o pai da psicanálise seguiu se referindo a esse conceito num dos seus últimos escritos. No texto “Análise terminável e interminável”, de 1937, ele escreve: “A análise, contudo, capacita o ego, que atingiu maior maturidade e força, a empreender uma revisão dessas antigas repressões; algumas são demolidas, ao passo que outras são identificadas, mas construídas de novo, a partir do material mais sólido” (FREUD, 1937, p. 243). Entende-se que esse é um texto que do início ao fim salienta o quanto a “cura” está relacionada à capacidade do Eu e ao trabalho contínuo que ele faz ao longo da vida para manter em equilíbrio as forças (internas e externas) que lhe atravessam e que ele tem a função de mediar.

O estudo ora descrito possibilitou reflexões sobre o quanto a qualidade da constituição do Eu depende da qualidade das identificações primárias e secundárias. Além disso, acredita-se que seguir fazendo identificações é uma tendência do humano e, portanto, um Eu saudável seguirá nesse caminho ao longo da vida. No entanto, um Eu empobrecido, aprisionado nas identificações mais primárias, como visto na seção dedicada às identificações que levam a caminhos psicopato-

lógicos, é um Eu com pouca capacidade de mudança, na medida em que segue padrões de repetição.

É um alento saber que Freud também se questionava sobre a possibilidade de mudar um funcionamento patológico: “É possível, mediante a terapia analítica, livrar-se de um conflito entre um instinto e o ego, ou de uma exigência instintual patogênica ao ego, de modo permanente e definitivo?” (FREUD, 1937, p. 240). No texto, ele se refere à “metapsicologia da feiticeira” e admite que o caminho para essa resposta não é muito claro nem muito minucioso; no entanto, deixa uma pista: “Temos apenas uma única pista para começar — embora seja uma pista do mais alto valor —, a saber, a antítese entre o processo primário e secundário” (FREUD, 1937, p. 241). Apesar de ele ter afirmado que o processo primário e o secundário apresentam sentidos diferentes, em termos de ligação consigo mesmo e com o outro, acredita-se que eles sejam complementares e imbricados, e os dois são fundamentais para a constituição de um Eu saudável.

No seminário Freud I,¹⁰ ao estudar o texto “Projeto para uma psicologia científica” (1950 [1895]), partindo da identidade de percepção e de pensamento, chegamos à temática das identificações, o que hoje faz muito mais sentido. Discutiu-se o quanto a identificação secundária está relacionada com a possibilidade de o sujeito questionar e ir em busca do desconhecido, considerando que a “pergunta” faz romper com a hegemonia narcísica. Portanto, esse aprofundamento teórico permitiu não só uma melhor localização dos conceitos relativos às identificações na obra de Freud, mas também uma articulação essencial com a escuta psicanalítica, na medida em que essa temática é pano de fundo das mais diversas histórias encontradas na prática clínica, inundadas de dor e sofrimento e que nos falam de inseguranças, crises de identidade e conflitos familiares.

¹⁰ Ministrado pelo psicanalista Ignácio Paim Filho no primeiro ano de formação da autora (2018), no CEPdePA.

Atualmente, a temática das identificações vem sendo bastante estudada e aprofundada a partir da teoria da intersubjetividade, o que poderá permitir um enlace entre a psicanálise originária freudiana e a psicanálise atual, com foco nos aspectos intersubjetivos, ou seja, que consideram o interjogo entre as experiências subjetivas do analista e do paciente na situação clínica.¹¹ As contribuições de Piera Aulagnier¹² e René Roussillon têm feito sentido no diálogo com o estudo das identificações construído até aqui. Seguem algumas breves considerações.

Para Piera Aulagnier, o Eu nasce imbricado na história edipiana dos pais e se constitui por meio de uma dialética identificatória (SCATOLIN, 2011). Cada sujeito, com mais ou menos intensidade, apresenta registros sensoriais advindos das interações iniciais que não puderam ser favoravelmente integrados ao Eu e ficam desgarrados, provocando angústia e sofrimento psíquico. Tais aspectos não integram uma cadeia representacional e, portanto, não têm história, narrativa. O que fica são as sensações, algo ainda mais primitivo na constituição do Eu (AULAGNIER, 1979).

Francischelli (1996) indica que Piera Aulagnier desenvolveu a “teoria do encontro”, que se dá entre o corpo do bebê, o corpo da mãe e o inconsciente materno, o que possibilita três produções psíquicas: processo originário, processo primário e processo secundário. As primeiras marcas que constituem o Eu são representadas por meio do pictograma e fazem parte do processo originário. Nesse momento, a atividade psíquica é postulada pelo autoengendramento, “[...] no qual não pode haver lugar para a representação de uma separação” (AULAGNIER, 1979, p. 69) e o que predomina é a sensorialidade. Esse início caracteriza a “violência primária” (expressão cunhada por Piera Aulagnier), uma vez que “[...] o psiquismo da mãe, pleno de repre-

11 Conferir: https://www.fepal.org/images/congreso2002/adultos/kahtalian_a.pdf.

12 Principais obras: *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado* (1979), *Os destinos do prazer* (1985) e *Um intérprete em busca de sentido* (1990).

sentações, se encontra com o psiquismo do bebê num estado de defasagem, onde o efeito antecipatório da resposta materna se apresenta como uma violenta imposição” (SOUZA, 2010, p. 130).

O processo primário é a “[...] consequência do reconhecimento da presença de um outro corpo, portanto existe a representação de dois espaços, mas ainda submetidos à onipotência do desejo de um só” (AULAGNIER, 1979, p. 70). Já se pode falar em produção fantasmática e figuração, em que o “[...] primário constrói a cena primária a partir da remodelagem que ele faz do cenário do originário” (AULAGNIER, 1979, p. 71). A figuração se refere à representação das relações que a psique vivencia no seu encontro com os objetos por ela investidos. Nesse momento (primário), já existe o precursor do Eu, no entanto “[...] será a entrada em cena da imagem da palavra que vai dotá-los de atributos que permitirão ao seu sucessor responder às exigências do funcionamento do secundário e constituir o seu projeto identificatório, que define de maneira específica a estrutura do Eu” (AULAGNIER, 1979, p. 78).

Apoiada em Francischelli (1996) para compreender a obra de Piera Aulagnier, identifico que, num primeiro momento, a palavra é dada pela mãe e está inundada do seu mundo interno. No entanto, posteriormente, a possibilidade de o sujeito nomear e narrar a sua história indica uma capacidade de ele refletir sobre si mesmo, caracterizando a existência do Eu. Francischelli (1996) ainda nota que o Eu está condenado a investir e é considerado por Piera Aulagnier um eterno aprendiz, uma vez que precisa sair da história do outro projetada em si (como algo constitutivo) para ir em busca e fazer a sua própria história, levando consigo aquilo que faz sentido e renunciando àquilo que está desencontrado e produz sofrimento, por meio da integração de tais aspectos por outras vias representacionais. Souza (2010), outra estudiosa de Piera Aulagnier, ajuda-nos a entender que no imaginário materno o bebê ocupa um lugar investido e privilegiado, no qual um projeto de vida para esse bebê é sonhado e está impregnado da trama

do inconsciente materno, sendo o corpo e a história da mãe as matrizes do processo de construção identificatória do filho.

Para Piera Aulagnier (1985, p. 39), o “[...] terror é inicialmente uma ameaça para o pensamento e sobretudo para o que o Eu poderia pensar do conceito de terror”. Ou seja, deparar-se com a angústia sem nome, com os elementos arcaicos, ameaça a estrutura, aquilo que de conhecido o sujeito tem de si (mesmo que forjado, postíço); assim, por mais terrorífico que isto seja, a única forma de o sujeito ser dono de si é se apropriando e buscando sentido nesse aparente caos. A análise é um caminho. Piera Aulagnier apontava o analista/a análise com uma “função de referência”:

Quando o caminho se torna obscuro demais, ela lhe oferece a possibilidade de uma referência identificatória que lhe permite continuar sua rota; ela se torna ponto de suporte para a demanda identificatória, sempre que essa última corre o risco de encontrar o vazio, e assim sendo, a reinsere num circuito (AULAGNIER, 1990, p. 230).

Conforme Aulagnier (1990), o que chega como demanda inicial para tratamento sempre diz de uma demanda identificatória, ou seja, carrega resquícios do seu projeto identificatório, aquilo que não pôde ser transcrito ou que foi transcrito em nível primário simplesmente e, portanto, fica sem uma integração e solto no psiquismo. Por meio do tratamento analítico, é possível percorrer caminhos que permitam integrar esses conteúdos advindos do processo originário por meio da busca de sentidos e de novas transcrições, o que exige muito trabalho do Eu, que tem como destino investir, se colocar em ação para encontrar, definitivamente, nexos, história, enfim, sua própria morada.

Com base nessa perspectiva teórica, é possível compreender que um Eu mais integrado e robusto tem a capacidade de transitar entre investimentos em si e no outro sem perder suas características

já adquiridas. Cada nova interação carrega as marcas identificatórias, colorindo os vínculos, mas também pode estar sujeita a criar novas identificações. É algo de uma complexidade imensa, pois todo o processo identificatório deixa marcas na personalidade como um todo, bem como ingressa na formação de sintomas.

René Roussillon, autor que conheci recentemente, será trazido aqui por meio de Marion Minerbo (2019). Minerbo (2019, p. 90) aponta que o Eu se enriquece por conta das identificações e, para ela, René Roussillon se interessa justamente por estudar o “sofrimento psíquico ligado às dificuldades na constituição do eu”, sendo que as experiências emocionais traumáticas não integradas ao Eu ficam soltas no psiquismo sob a forma de angústia, portanto clivadas. Os estudos de René Roussillon se desenvolveram após a virada de 1920, momento em que o Eu ganha sua importância na teoria freudiana (o autor chega a falar em “segunda metapsicologia”). Essa é uma “virada que começa com a noção de identificação, que é justamente a presença do outro na constituição do eu” (MINERBO, 2019, p. 91).

Conforme Minerbo (2019, p. 104), René Roussillon afirma que a compulsão à repetição, na segunda tópica, visa a simbolizar e integrar a própria história emocional a partir dos aspectos emocionais clivados, de modo que o sujeito se torna “sujeito naquilo/daquilo em que foi assujeitado”. Esse movimento exige grande trabalho psíquico e ocorre no campo intersubjetivo, ou seja, num campo em que tudo depende de dois sujeitos com situações atuais que evocam fantasmas do passado de ambos. Minerbo (2019, p. 30, 31) considera que “[...] desconstruir uma identificação primária parece ser das coisas mais difíceis de serem feitas em análise”, e o fazer analítico não trabalha só com as representações, mas também com as identificações, por meio da “transferência colocada em ato que se atualiza no aqui e agora”.

Os questionamentos ainda são muitos. As novas vivências modificam a raiz das identificações primárias ou se sobrepõem a elas? É possível uma desidentificação absoluta? A partir das novas identificações,

podemos modificar um funcionamento psicopatológico? Considera-se que Freud teve um limite, imposto pela sua morte, mas seu legado seguiu e, a partir dele, pessoas puderam se identificar com a teoria, apropriando-se dela, mas também buscando se diferenciar. É assim com a constituição psíquica, é assim com os avanços teóricos.

Uma certeza fica: não é possível apagar a essência das identificações primárias, mas podemos questioná-las, inventar novos modos, permitir outras possibilidades, e isso por conta dos processos identificatórios (secundários), que não deixam de existir até o final da vida e servem como respiros, encontros que se abrem, uma esperança para um novo que pode vir. Compreende-se que para isso ocorrer é necessário ter disponibilidade, desejo, abertura e coragem para se deparar com os legados transmitidos e, a partir disso, escolher (juízo crítico) o que se deseja manter e o que será necessário (possível) mudar. Assim como estudar a obra de Freud, se lançar numa análise, seja como analista ou analisando, é também um quebra-cabeça de muitas e pequenas peças, com infundáveis cenários, sendo que o mais interessante e revelador é o processo de montar e desmontar. Essa é uma arte que vai depender do jeito de cada um, do encontro da dupla, das surpresas do caminho.

REFERÊNCIAS

AULAGNIER, P. **A violência da interpretação**: do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

AULAGNIER, P. **Os destinos do prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

AULAGNIER, P. **Um intérprete em busca de sentido, I**. São Paulo: Escuta, 1990.

FRANCISCHELLI, D. Introdução à teoria de Piera Aulagnier. **Revista do CEPdePA**, Porto Alegre, v. 5, n. 4, p. 24-38, jul. 1996.

FREUD, S. (1900). Capítulo VII: a psicologia dos processos oníricos – a interpretação dos sonhos (II). In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 541-650. (Edição standard brasileira, 5).

FREUD, S. (1913 [1912-1913]). Totem e tabu. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-163. (Edição standard brasileira, 13).

FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 77-108. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-144. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1917 [1915]). Luto e melancolia. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-266. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 115-120. (Edição standard brasileira, 18).

FREUD, S. (1923). O ego e o id. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-71. (Edição standard brasileira, 19).

FREUD, S. (1933 [1932]). Conferência XXXI: a dissecação da personalidade psíquica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 63-84. (Edição standard brasileira, 22).

FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 225-270. (Edição standard brasileira, 23).

FREUD, S. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 382-384. (Edição standard brasileira, 1).

GARCIA ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. v. 3.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LIMA, M. V. R. **Um breve percorrido na teoria de Freud sobre as identificações**. 2018. Monografia (Terceiro ano de formação em Psicanálise) – Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, Porto Alegre, 2018.

MINERBO, M. Núcleos neuróticos e não neuróticos. In: MINERBO, M. **Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica**. São Paulo: Blucher, 2019. p.17-51.

PAIM FILHO, I. A.; LEITE, L. C. Freud, um pensador de todos os tempos (uma cronologia). In: PAIM FILHO, I. A.; LEITE, L. C. **Novos tempos, velhas recomendações sobre a função analítica (1912-2012)**: Freud – 100 anos depois. Porto Alegre: Sulina, 2012. p.129-143.

QUINODOZ, J.-M. **Ler Freud**: guia de leitura da obra de S. Freud. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SCATOLIN, H. G. Contribuições de Piera Aulagnier à metapsicologia freudiana: um enfoque sobre os modos de funcionamento originário, primário e secundário para a constituição do Eu. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 145-165, 2011.

SOUZA, D. M. O conceito de temporalidade em Piera Aulagnier. **Revista do CEPdePA**, Porto Alegre, v. 17, p. 127-135, 2010.

STRACHEY, J. Nota do editor inglês. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 245-248. (Edição standard brasileira, 14).

TONNESMANN, M. Rumo ao modelo estrutural da mente. In: PERELBERG, R. J. *et al.* **Freud**: uma leitura atual. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 162-171.

VALLS, J. L. **Dicionário freudiano**. Madrid: Julian Yebenes S.A., 1995.

The identification marks: between legacies and choices, the constitution of the individual in Freud

ABSTRACT

This article seeks to carry an analysis about the metapsychology of identification, based on the Freudian literature, by bringing a few reflections of what can be understood as primary and secondary identification. It also claims to further develop about the theme of identifications on psychopathological functioning, as well to point out brief understandings that indicate how this concept can be thought, nowadays, from the theory of intersubjectivity.

Keywords: Psychoanalysis. Identification. Intersubjectivity.

Recebido em 13/06/2022

Aceito em 11/11/2022